

ELETRICIDADE

Solicito maiores informações a respeito da nota intitulada "Hidrelétricas Inúteis" (GUIA RURAL, janeiro de 90), do sr. Francisco Diniz Junqueira, vereador em Orlândia, na qual — baseado em dados estimativos que gostaria muito de saber a procedência — culpa interesses econômicos, empreiteiras e firmas projetistas por perdas físicas, de produção e, o que parece bem claro, perdas com arrecadações de ICM. As perdas adviriam principalmente da cana, cultura que passa por uma fase difícil, por vários motivos, inclusive pela falta de energia.

Gostaria que o sr. Francisco me esclari-

cesse quem realmente está deixando de ser patriota. Se o governo, com seu plano de aumento da produção de energia, ou se os municípios, preocupados com a diminuição das arrecadações de ICM advindas apenas da produção da cana-de-açúcar?

Fernando Pini Prestes
Franca, SP

PERCALÇOS

A Escola Municipal Rural Produtiva Prof.^a Sarita Bacarat de Arruda, em regime de internato e semi-internato,

vem enfrentando inúmeros percalços e dificuldades, o que não é novidade no ensino público brasileiro. Dessa forma, procurando solucionar e amenizar alguns problemas, solicitamos a ajuda dos leitores dessa conceituada revista na doação de sementes ou mudas frutíferas, essências aromáticas, hortaliças, forrageiras etc. e no fornecimento de materiais didáticos, livros, folhetos, apostilas e outros. Isso permitiria futuros estudos, pesquisas e o atendimento de algumas das grandes necessidades por que passa a escola.

Prof. Osvaldo Herrera
Escola Municipal Rural
Produtiva, linha J, Cx. Postal 158,
CEP 78320, Juína, MT

AGRICULTURA RACIONAL NO ACRE

A pequena propriedade rural no estado do Acre é explorada segundo o sistema itinerante de cultivo. Nesse sistema, parte da área permanece com mata (destinada a atividades extrativas), parte é cultivada com lavouras de arroz, milho, mandioca e feijão, após o que é ocupada com pecuária ou fica em pousio. Anualmente — ou a cada dois ou três anos —, novas áreas de mata são derrubadas e queimadas para a incorporação ao sistema exploratório. A partir do terceiro ano após a retirada da mata, a fertilidade do solo nessa região cai de tal forma que o agricultor, com a sabedoria que lhe é própria, deixa a área anteriormente cultivada em repouso, para regeneração da vegetação nativa, formando o que se conhece por "capoeira", área que voltará a ser cultivada.

O clima, a prática da queimada e os sistemas de cultivo são os principais responsáveis pela brusca mudança nas propriedades físicas e químicas do solo dessa região. O ilusório aumento da fertilidade provocado pela queimada decai em curto espaço de tempo, em virtude principalmente do elevado índice pluviométrico. A exemplo disso, as análises do solo indicam acidez elevada (pH em torno de 4,0), baixos teores de fósforo (em torno de 2,0 ppm), pouco potássio (20,0 ppm), altos teores de alumínio (em torno de 3,0 meq/100 ml), além de baixos teores de cálcio e magnésio e de matéria orgânica (em torno de 0,9%), o que torna o solo impróprio para agricultura. A correção desse solo demandaria acima de 5 toneladas de corretivo por hectare, o que, devido ao custo, é impraticável nesta região.

Nossa sugestão é a de uma exploração racional, em que o cultivo itinerante seja substituído por um sistema rotacional da lavoura com leguminosas. Após a colheita do arroz, milho, feijão e mandioca, a área é ocupada com leguminosas, que permanecerão ali por no mínimo dois

anos. A cobertura do solo com leguminosas protege contra o impacto das chuvas (evitando seu efeito erosivo), diminui a temperatura superficial, melhora a infiltração de água, mantém a umidade, aumenta o teor de matéria orgânica e nitrogênio total e eleva a atividade biológica do solo.

De acordo com estudos da Embrapa/UEPAE do Rio Branco, algumas leguminosas anuais e perenes apresentam compatibilidade com o sistema da região. As mucunas cinza, preta e rajada têm rendimento de matéria seca superior a 12 toneladas por hectare, enquanto outras espécies também promissoras, como o calopogônio, feijão-bravo-do-ceará e o feijão-de-porco, apresentaram cerca de 7 toneladas por hectare. As leguminosas perenes Flemingia congesta e Tephrosia candida forneceram produções médias de 12 e 9,1 toneladas por hectare de matéria seca, respectivamente, numa poda feita a 1,3 metro do solo, doze meses após o plantio. Tal poda, realizada no período chuvoso, poderá ser repetida no final das chuvas.

A utilização de um sistema rotacional com leguminosas é altamente vantajosa em termos agronômicos, econômicos e sociais. Além de a renda da propriedade ser aumentada, evita-se a derrubada contínua da mata amazônica, que pode ser preservada para exploração racional.

Apresentamos uma alternativa, mas para que esse trabalho surta efeito necessitamos de apoio, em função da pequena estrutura de nossa unidade de pesquisa e da crise financeira que assola os setores de pesquisa do país.

Ivandir Soares Campos e Tâmara C. de Araújo Gomes
Pesquisadores da Embrapa/UEPAE
de Rio Branco, AC. Cx. Postal 392,
CEP 69900, Tel. (068) 224-3931

SOJA

Excelente, oportuna e esclarecedora a reportagem "Os descaminhos da soja", que GUIA RURAL ABRIL publicou em abril passado. Como a revista mostrou, o desvio da soja, e mesmo o de outros produtos agrícolas, como cana-de-açúcar e café, foi fruto da política de câmbio irreal tomada pelo governo anterior e da



SAULO MAZZONI

alta taxação que incidia sobre o produto. Medidas como essas, que penalizaram duramente a produção nos últimos anos, são o maior incentivo ao desvio da produção agrícola e da conseqüente evasão de divisas. Que o novo governo se mire na lição do passado ao traçar as linhas de sua política agrícola.

Arnon Geller
Campo Grande, MS
EMBRAPA